

ARTICULAÇÃO

Dança das cadeiras na Esplanada

Ministros do governo Lula têm intensificado conversas com outros partidos em preparação para as eleições de outubro

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

Enquanto uma das poucas certezas para as eleições deste ano será a candidatura à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ainda há dúvidas sobre se seus ministros de Estado vão continuar em seus respectivos partidos ou mudar de legenda para se candidatar. Ao todo, a expectativa é de que ao menos 20 titulares abandonem suas pastas até abril para concorrer no pleito de outubro.

A ministra do Meio Ambiente e da Mudança do Clima, Marina Silva (Rede-SP), é um dos nomes cotados para disputar a um cargo no Senado Federal por outro partido. Sua provável saída da Rede, legenda que fundou em 2013, pode ser explicada por divergências em relação à corrente comandada pela deputada federal Heloísa Helena (Rede-RJ) (leia mais abaixo). Em dezembro passado, segundo aliados de Marina, o grupo comandado por Heloísa protagonizou reformas negativas no estatuto da Rede Sustentabilidade.

"Trata-se da consolidação de um projeto de captura institucional, que verticaliza o partido, concentra poder na Executiva Nacional, enfraquece a autonomia de estados e municípios, reduz direitos dos filiados, discrimina mandatos e fragiliza a democracia interna," diz trecho de um manifesto assinado por Marina Silva e por outros filiados da sigla em crítica às mudanças no estatuto partidário.

A iminente saída da ministra ocorrerá ao passo que Marina conversa com ao menos três legendas: PSol, PSB e PT. Dentre eles, a ambientalista deve optar por uma legenda que lhe dê a possibilidade de se candidatar ao Senado no pleito deste ano.

Segundo interlocutores do Ministério do Meio Ambiente, o PSol, até o momento, foi o único partido a oferecer a candidatura ao Senado para Marina Silva. A opção pelo Casa Alta, avaliaram interlocutores da ministra, tem o objetivo de evitar "retrocessos" na agenda ambiental e fortalecer a pauta durante um eventual novo mandato de Lula. O movimento também beneficia o presidente, que tem o Senado como alvo prioritário para seus

Reprodução/Instagram Marina Silva



A ministra Marina Silva deve deixar a sigla Rede após conflitos internos e estuda se filiar ao Psol, do também ministro Guilherme Boulos

aliados neste ano, como resposta ao movimento similar articulado por bolsonaristas.

Para psolistas, a hipótese de ela entrar no PSol substituiria o peso do nome do ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, Guilherme Boulos, no partido. O deputado federal aceitou convite de Lula para integrar o governo e deixou de lado os planos de concorrer nas eleições. As conversas entre PSol e Marina Silva têm sido, inclusive, a participação do próprio Boulos e de Juliano Medeiros, ex-presidente do partido.

Apenas um fato novo pode fazer com que a ministra recue da disputa ao Senado: se o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, também se decidir pelo mesmo

cargo. O destino de Haddad após sair da pasta, em fevereiro, porém, é incerto.

Do Turismo ao Senado

Outro que almeja novo partido para concorrer à Casa Alta neste ano é o ex-ministro do Turismo (MTur) Celso Sabino. Aliado de Lula no Pará, Sabino foi expulso do União Brasil, em dezembro, após descumprir a ordem da legenda para que todos os seus filiados deixassem o governo do presidente Lula.

Ele, que comandava o MTur desde 2023, peitou a decisão do partido e continuou no ministério, destacando sua fidelidade a Lula, mas também tentando

negociar sua permanência no União. Sua saída foi explicada por ele como gesto em prol da "governabilidade" de Lula e com o objetivo de construir sua corrida ao Senado. Questionado sobre para qual partido Sabino vai, ele se restriu a falar que sua nova legenda terá de unir pautas como "desenvolvimento e progressismo".

Entre os partidos que cogitam a filiação estão PSB, Republicanos e MDB, legenda do governador do Pará, Helder Barbalho.

Fufuca quer ficar no PP

Junto ao desembarque do União Brasil do governo Lula, o PP também anunciou sua saída dos ministérios do petista. Esse movimento

ocorreu em meio à oficialização da Federação União Progressista, de oposição a Lula.

Enquanto Sabino foi expulso do partido presidido por Antônio Rueda, o mesmo não ocorreu com o ministro do Esporte, André Fufuca. A pena para ele, que continuou na pasta em um gesto a favor de Lula, e se manteve filiado ao PP, foi a saída do cargo de vice-presidente do diretório nacional do partido e do comando do diretório estadual no Maranhão, onde foi substituído pela deputada Amanda Gentil (PP-MA).

André Fufuca, neste ano, buscará uma candidatura ao Senado pelo seu partido. Ele, que em eventos já reafirmou publicamente sua lealdade ao presidente Lula, pode



Trata-se da consolidação de projeto de captura institucional, que verticaliza o partido, concentra poder na Executiva Nacional, enfraquece a autonomia de estados e municípios, reduz direitos dos filiados, discrimina mandatos e fragiliza a democracia"

Manifesto assinado por Marina Silva, ministra do Meio Ambiente

enfrentar divergências na sigla para desenvolver seus planos ao Senado. Uma mudança para o PSD, da senadora Eliziane Gama (PSD-MA), ou ao MDB, partido do governador do Maranhão, Carlos Brandão, podem ser caminhos alternativos para Fufuca.

Tabuleiro mineiro

Enquanto o PSD poderia ser um caminho para Fufuca pelo apoio de Eliziane Gama a Lula, o partido presidido nacionalmente por Gilberto Kassab promete se mostrar um entrave aos planos do ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira.

Ele, que deve se candidatar a deputado federal ou mesmo como representante de Lula ao governo de Minas Gerais, verá seu partido lançando o atual vice-governador de Minas, Matheus Simões, para o Palácio da Liberdade.

Ferreiro opositor de Lula e próximo ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), Simões promete manter o legado do atual governador Romeu Zema (Novo). Caso opte pela saída do PSD, Silveira pode migrar para partidos como PSB e MDB.

» Entrevista | HELOÍSA HELENA | DEPUTADA FEDERAL PELO RIO DE JANEIRO

"País não pode seguir acovardado diante do capital especulativo"

» DANANDRA ROCHA

Prestes a assumir temporariamente o mandato do deputado Glauber Braga (Psol-RJ), a ex-senadora Heloísa Helena (Rede-RJ) afirmou, em entrevista ao Correio, que a esquerda precisa ter coragem de apresentar um programa capaz de enfrentar o capital especulativo e transformar a vida cotidiana de milhões de brasileiros em vulnerabilidade. Crítica da idolatria política, ela responsabilizou o ex-presidente Jair Bolsonaro pela condução "fria e inconsequente" durante a pandemia, rejeitou alianças baseadas na "promiscuidade" com o centro e defendeu uma atuação guiada por princípios programáticos. Leia os principais trechos da entrevista:

Que expectativa a senhora tem para o desempenho da esquerda nas eleições, especialmente após derrotas recentes da direita, como a prisão de Bolsonaro?

Espero que os setores progressistas e de esquerda tenham a coragem de apresentar um programa que não deixe o país continuar acovardado diante do capital especulativo, nem continue a ceder ao entreguismo de setores estratégicos para interesses de outros

países. Além do que é óbvio para qualquer ser pensante, espero que aumentemos os compromissos e investimentos nas políticas públicas que impactam diretamente na vida cotidiana de milhões de pessoas em vulnerabilidade econômica, social e ambiental, e em territórios violentos sem nenhuma dignidade humana.

Sem Bolsonaro como principal cabo eleitoral, a direita, que teve atuação agressiva em 2022, perde força ou apenas muda de estratégia?

Reconheço que eles continuam fortes, mas não identifico possibilidades, por tudo o que aconteceu, especialmente na pandemia, de que eles tenham vitória na disputa presidencial. Ficou muito marcada na vida nacional a postura fria e inconsequente do ex-presidente, como soldado covarde, deixando milhares de feridos para trás e mortos em mais de 700 mil famílias. Sobre ódio e perseguição implacável contra quem não lambe o rastro do poder, infelizmente não é um atributo repugnante apenas na direita. Existem sabotadores acaninhados em muitos outros lugares também.

Uma disputa contra o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) seria

Bruno Spada / Câmara dos Deputados



Temos que disputar a consciência coletiva com debates e proposições que impactem a vida real da maioria do nosso povo e não ficar chafurdando na promiscuidade pela pacificação

mais fácil do que contra o governador Tarcísio de Freitas, considerado menos radical?

Estou respondendo no achismo, pois não tenho ferramentas técnicas de pesquisas qualitativas para analisar objetivamente os nomes

citados. Considero que todos eles arrastam consigo pandemia, golpismo, etc., que remetem ao passado e também são fomentados pelo atual grupo governamental.

Para os dois lados, a idolatria é sempre mais adequada do que um programa avançado, não apenas no papel, mas na execução, para impactar a vida real de sofrimento da maioria da população.

A senhora sempre criticou alianças pragmáticas. Como a

esquerda pode atuar junto ao centro para impedir que ele volte a pender ao bolsonarismo?

Todos os piores e mais fortes caminhos do Congresso Nacional foram alimentados pelos presidentes da República, com dinheiro público, com cargos públicos, com muita covardia política. Portanto, temos que disputar a consciência coletiva com debates e proposições que impactem a vida real da maioria do nosso povo e não ficar chafurdando na promiscuidade pela pacificação comprada com dinheiro do povo e sem autorização do povo.

A senhora retorna ao Congresso em um ambiente altamente polarizado, com uma direita organizada e eleitoralmente forte. A partir da sua experiência, como a esquerda pode avançar politicamente nesse cenário?

Retornar em situação complexa de vergonha perseguição política ao deputado Glauber impõe-me trabalhar com honra e coragem pelos eleitores cariocas que me fizeram primeira suplente dele. Daqui a pouco, ele volta e continuará de forma honrada no mandato. Sobre a idolatria política que existe nacionalmente, é fato constatado e colocado em alto para ser adorado por quem se beneficia disso. Não é o meu caso. Tenho a obrigação de defender com todas as forças temas que são relevantes do ponto de vista programático e ideológico com o que acredito e que move meus passos em campos minados pela *realpolitik*.